



ARTE EM TEMPOS SOMBRIOS

ANAIS DO 41.º COLÓQUIO DO COMITÊ
BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA ARTE

CB
HA

ARTE EM TEMPOS SOMBRIOS

ANAIS DO 41.º COLÓQUIO DO COMITÊ
BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA ARTE

Realização



Organização



UFRJ
UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO DE JANEIRO

 **UFU** Universidade
Federal de
Uberlândia



UFPEL



UFRRJ UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL
DO RIO DE JANEIRO


CEFET/RJ

CBHA – Comitê Brasileiro de História da Arte – Fundado em 1972

Presidente de Honra (in memoriam) – Walter Zanini

Diretoria (2020-2022)

Presidente – Marco Antônio Pasqualini de Andrade (UFU)

Vice-presidente – Neiva Bohns (UFPEL)

Secretária – Rogéria de Ipanema (UFRJ)

Tesoureiro – Arthur Valle (UFRRJ)

Conselho Deliberativo do CBHA (2020 – 2022)

Almerinda da Silva Lopes (UFES)

Emerson Dionísio Gomes de Oliveira (UnB)

Luiz Alberto Freire

Maria de Fátima Morethy Couto (UNICAMP)

Marize Malta (UFRJ)

41º Colóquio do CBHA (2021): Arte em Tempos Sombrios

Comissão Organizadora

Marco Antonio Pasqualini de Andrade (UFU/CBHA) (presidente)

Arthur Valle (UFRRJ/CBHA)

Marize Malta (UFRJ/CBHA)

Neiva Bohns (UFPEL/CBHA)

Rogéria Moreira de Ipanema (UFRJ/CBHA)

Sandra Makowiecky (UDESC/CBHA)

Comitê Científico

Almerinda Lopes (UFES/ CBHA)

Arthur Valle (UFRRJ/CBHA) Bianca Knaak (UFRGS/ CBHA)

Blanca Brites (UFRGS/CBHA)

Camila Dazzi (CEFET-RJ/ CBHA)

Fernanda Pequeno (UERJ/ CBHA)

Fernanda Pitta (Pinacoteca-SP/ CBHA)

Marco Pasqualini de Andrade (UFU/CBHA)

Maria do Carmo de Freitas Veneroso (UFMG/CBHA)

Maria Izabel Branco Ribeiro (FAAP/ CBHA)

Marília Andrés Ribeiro (UFMG/CBHA)

Neiva Bohns (UFPEL/CBHA)

Niura A. Legramante Ribeiro (UFRGS/ CBHA)

Paulo César Ribeiro Gomes (UFRGS/ CBHA)

Raquel Quinet Pifano (UFJF/CBHA)

Rogéria Moreira de Ipanema (UFRJ/ CBHA)

Vera Pugliese (UnB/ CBHA)

Imagem da capa

Lydio Bandeira de Mello (1929 -), *Sem título*, 2019. Carvão crayon e pastel seco, 75 x 55 cm; Foto: Rafael Bteshe

Diagramação

Vasto Art

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C72 - Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte (41: 2021)

Anais do 41º Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte: Arte em tempos sombrios

– Evento online - 23-27 nov. 2021. (Organizadores: Marco Pasqualini, Neiva Bohns, Rogéria de Ipanema, Arthur Valle). São Paulo: Comitê Brasileiro de História da Arte, 2022 [2021].

1371 p : 21X37 cm: ilustrado

ISSN: 2236-0719

<https://doi.org/10.54575/cbha.41>

1. História da Arte. I. Comitê Brasileiro de História da Arte. II. Anais do 41o. Colóquio do CBHA.

CBHA – Comitê Brasileiro de História da Arte

CDD: 709.81

Reflexões sobre a exposição “outros eus”

Rosane Bezerra Soares, Universidade Federal de Sergipe
<https://orcid.org/0000-0001-7842-1970>
rosanebsoares@gmail.com

Resumo

O objetivo deste artigo é apresentar reflexões sobre a exposição “Outros Eus”, como modo de resistência envolvendo questões de gênero. A mostra foi construída coletivamente na cidade de São Cristóvão (SE), na Galeria de Arte Jordão de Oliveira, no campus da Universidade Federal de Sergipe em março de 2020. No estudo são privilegiados autores como Zygmunt Bauman, Walter Benjamin, Norbert Elias e Michel Foucault. A pesquisa que gerou o artigo é de abordagem qualitativa, bibliográfica e envolve a análise de trabalhos artísticos. As exposições Hemografismos e Balbúrdias Poéticas são apresentadas como parte das reflexões que envolvem a mostra Outros Eus. Conclui-se que as exposições destacam o papel político da arte, o seu lugar social e a sua função no espaço público evidenciando os múltiplos eus.

Palavras-chave: Exposição Outros Eus. Exposição Balbúrdias Poéticas. Exposição Hemografismos. Gênero. Política.

Abstract

El objetivo de este artículo es presentar reflexiones sobre la exposición “Outros Eus”, como una forma de resistencia en torno a cuestiones de género. La muestra fue construida colectivamente en la ciudad de São Cristóvão (SE), en la Galería de Arte Jordão de Oliveira, en el campus de la Universidad Federal de Sergipe, en marzo de 2020. En el estudio, autores como Zygmunt Bauman, Walter Benjamin, Norbert Elias y Michel Foucault son unos privilegiados. La investigación que generó el artículo tiene un enfoque cualitativo, bibliográfico e involucra el análisis de las obras artísticas. Las exposiciones Hemografismos y Balbúrdias Poéticas se presentan como parte de las reflexiones que envuelven la exposición Otros Eus. Se concluye que las exposiciones destacan el papel político del arte, su lugar social y su función en el espacio público, destacando los múltiples eus.

Keywords: Exposición Outros Eus. Exposición Balbúrdias Poéticas. Exposición Hemografismos. Gênero. Política.

O objetivo deste artigo é apresentar reflexões sobre a exposição “Outros Eus”, como modo de resistência ou de denúncia envolvendo questões de gênero.

Construída coletivamente na cidade de São Cristóvão (SE), na Galeria de Arte Jordão de Oliveira, no campus da Universidade Federal de Sergipe em março de 2020, a mostra destaca o papel político da arte, o seu lugar social e a sua função no espaço público. A pesquisa que gerou o artigo é de abordagem qualitativa, bibliográfica e envolve a análise de trabalhos artísticos.

Quanto ao título da mostra, “Outros Eus”, consideramos que o “verdadeiro eu” é ficção e que inventamos um eu para nós mesmos e para os outros. Quanto ao “outro”, consideramos a ideia de que escutamos o outro a partir dos nossos lugares de fala; assim, refletimos sobre uma possibilidade de escuta colonizadora, como veremos adiante.

A exposição foi construída, como exposto, na galeria de arte de uma universidade, com alunos do curso de Licenciatura em Artes Visuais da UFS. Essa característica é relevante se considerarmos a importância de práticas diferenciadas no universo da arte/educação que poderiam ser significativas na formação de professores. Sabemos que as práticas pedagógicas contemporâneas apresentam-se frequentemente como desvios aos padrões impostos, ou como rupturas a conceitos estabelecidos nas pedagogias hegemônicas.

Sobre esse universo destacam-se os textos do sociólogo Zygmunt Bauman, no livro “Modernidade Líquida” (2001), no qual defende a ideia de que a sociedade contemporânea, “líquida”, não permaneceria presa a um espaço ou tempo definidos, como a sociedade “sólida” do passado. Não se justificaria, assim, a manutenção inquestionável de antigos padrões. Um outro autor que merece destaque nesse contexto é Walter Benjamin, que diante das grandes transformações ocorridas em seu entorno no início do séc. XX, anunciou o fim da percepção natural e o estímulo ao contato com uma outra realidade, sugerindo então uma análise fragmentada da escritura da realidade (2006).

Assim, refletimos sobre fatores que poderiam abrir novas possibilidades de apreensão da realidade, centrada na dinâmica do descontínuo. O método “pedagógico” de Benjamin tem como base em geral a montagem, composta por elementos excluídos de seus contextos habituais e realocados em novos contextos. Verificamos assim a libertação dos objetos dos significados habituais, desviando-se dos sentidos impostos por elementos humanos e mais voltados às demandas do mundo contemporâneo. Resta-nos analisar caminhos de ruptura com as rotinas administrativas das instituições acadêmicas.

Entre Hemografismos e Balbúrdias Poéticas

Primeiramente, apresentamos um trabalho que marca a origem da mostra “Outros Eus”. Trata-se da construção de uma instalação artística ocupando parte do espaço do *hall* do prédio da reitoria da Universidade Federal de Sergipe, localizada

na cidade de São Cristóvão (SE). Intitulada "Hemografismos", a obra foi construída a partir da união de elementos brancos manchados de preto, retirados de seus contextos habituais, como diversos tipos de roupas (desde camisas, vestidos, calças, até roupas íntimas) suspensas no ar por meio de fios, além de sapatos. Toques de cor foram adicionados, como um fio vermelho que percorria a obra como uma veia, além de cabeças de bonecos de plástico manchadas por tinta preta ou vermelha, suspensas no ar ou sobre o chão. Ainda sobre o piso encontravam-se dois pacotes fechados amarrados por fios, um na cor vermelha e o outro branco. Linhas formavam diversos ângulos no chão, como grafismos espelhados dos fios suspensos no trabalho, o qual foi desenvolvido por Sérgio Ricardo Soares de Freitas e por mim (Fig.1).



Figura 1. Sérgio Freitas e Rosane Bezerra. Hemografismos. 2016. Roupas, elementos de plástico, sapatos e materiais têxteis. Instalação de técnica mista. Foto: Rosane Bezerra Soares. Arquivo da artista.

Discentes visitaram o espaço e os comentários foram diversos. Alguns levantaram questões relacionadas à branquitude e ao racismo estrutural. Um grupo comentava sobre o consumismo. Entretanto, um dos aspectos que mais despertou a nossa atenção foi observar a surpresa dos que cruzavam habitualmente aquele espaço, encontrando-se forçados a mudarem suas rotas e a romperem trajetos repetidos diariamente. Muitos eram funcionários da reitoria que, caminhando de cabeça baixa e seguindo rapidamente pelo mesmo caminho, quase se chocaram contra a instalação. Tais detalhes nos pareceram mais relevantes do que qualquer

discurso: o *hall* da reitoria era, portanto, visto até então apenas como lugar de passagem e não como espaço de vivência e de encontro.

Sobre a instalação como barreira, pensamos nos versos do poeta Carlos Drummond de Andrade, em “No Meio do Caminho” lançado em 1928: “No meio do caminho tinha uma pedra/tinha uma pedra no meio do caminho/ tinha uma pedra/ no meio do caminho tinha uma pedra (...)” A repetição da expressão “tinha uma pedra”, utilizada em sete dos dez versos do poema, nos pareceu relacionar-se com os gestos que repetimos sem qualquer questionamento, pois preferimos viver num mundo estável.

Ao final dessa exposição, que reuniu também trabalhos de professores do Departamento de Artes Visuais e Design da UFS, surgiu o desejo de ampliação da experiência. Assim nasceu a mostra “Balbúrdias Poéticas”, em agosto de 2019 (Fig. 2). O título da exposição teve origem nas palavras do ministro da educação do Brasil, Abraham Weintraub, que em 30 de abril de 2019, ao cortar 30% das verbas das 60 universidades federais e dos 40 institutos federais, disse que as instituições de ensino no Brasil “promovem balbúrdia”.



O Departamento de Artes Visuais e Design da UFS
apresenta:

ADEJANIA DOS SANTOS NUNES / ANALUISA DA SILVA NASCIMENTO / ANA RAQUEL ALVES DE OLIVEIRA / BEATRIZ BETANO OLIVEIRA / BRUNO SANTOS DA PAZ / CAIO SOUZA SANTOS / CARLA ALVES SANTOS GOMES / CARLOS EDUARDO MODESTO DA CRUZ JUNIOR / DAVID RIBEIRO CORREIA / EMERSON DA CONCEICAO MATOS / EMILY CAROLINE SANTOS NUNES / EWERTON FELIX FREITAS FILHO / FABRICIA OLIVEIRA SANTOS / GLEICIELLY SILVA SOBRAL / HUGO LEONARDO SANTOS RAMOS / IAGO PEDRA SOBRAL / JACSON RICARDO GUEDES ROCHA / LARISSA MARIA MENEZES SANTOS / LAUREMBERG SANTANA MOREIRA DE MATOS / LEONICA DE LIMA MATIAS / LUCIANA MARIA SANTOS / MAURICIO FELIX DA SILVA DOS SANTOS / MARIA LUCIA SANTOS DANTAS / MURILO ALMEIDA SANTANA / NAYO DOS SANTOS MELO / NICOLE DE SANTANA LIMA / RENATA MASSÊNIO DE SOUZA / RICARDO NUNES VALENTE / ROBSON DOS SANTOS / SARA MIRANDA PEREIRA / SHIRLEY ALMEIDA DE MELO / STEFANY CABRAL ROCHA / TABATA MARIA MACHADO SANTOS / THAIS DE JESUS SANTOS BRANDAO / VANESSA ARAUJO DA SILVA / VITORIA FLAVIA FERREIRA / YURI LIMA SANTOS DE JESUS

Artistas convidados: BRUNNO GAROTTO e SÉRGIO RICARDO SOARES DE FREITAS

Apoio: Pró-Reitoria de Extensão e de Assuntos Comunitários da UFS

BALBÚRDIAS POÉTICAS
Universidade Federal de Sergipe
EXPOSIÇÃO COLETIVA
Hall da Reitoria da UFS
Curadoria: Profa. Dra. Rosane Bezerra Soares
de 14 à 24/08/2019

Figura 2. Material de divulgação da mostra “Balbúrdias Poéticas”.

A palavra “balbúrdia”, pode ser entendida como desordem, gritaria, algazarra, bagunça, pandemônio, confusão, entre outras. Como antônimos, as palavras silêncio, mansidão e emudecimento. Seriam desejáveis, então, a mansidão e o emudecimento? Acreditamos que é preciso reconceitualizar a instituição e suas tradicionais funções de modo mais amplo, como espaço de ação, debate, participação, produção e transformação, o que justificaria a mostra.

Diante de um suposto desejo de docilidade do corpo acadêmico proveniente do então ministro da educação, recordamos as palavras do filósofo Michel Foucault, para quem “É dócil um corpo que pode ser submetido, que pode ser utilizado, que pode ser transformado e aperfeiçoado” (2014, p.134). O corpo dócil é formado _ acredita_, por meio de técnicas de disciplina que encobrem o corpo social através de variadas instituições, como o exército e a escola.

A mostra “Balbúrdias Poéticas” teve como objetivo destacar o corpo como categoria de pensamento no processo de ensino / aprendizagem de artes visuais, com ênfase na questão do corpo como território do político. Partimos então de pesquisa de natureza qualitativa e bibliográfica, privilegiando textos sobre as relações entre o corpo, o poder e os padrões impostos, de autores como Michel Foucault e Norbert Elias. A seguir, montamos uma instalação no *hall* da reitoria da UFS, como ampliação da experiência anterior, mas desta vez contando com a participação ativa de alunos do curso de Licenciatura em Artes Visuais, além de artistas convidados.

Os discentes desenvolveram trabalhos em grupo a partir das formas dos seus próprios corpos, pintados sobre telas sem chassis. As obras seriam fixadas sobre uma instalação artística tendo como base a ideia de um muro suspenso, cortando o espaço. A edificação foi composta por fios de novelos, unidos por nós (Fig.3).



Figura 3. Rosane Bezerra e Sergio Freitas. Balbúrdias Poéticas. 2019. Instalação com Pinturas e materiais têxteis. Foto: Sergio Freitas. Arquivo da artista.

Além das observações geradas a partir da exposição anterior, em que os passantes rompiam com os trajetos automáticos e buscavam novos caminhos diante da instalação, a ideia do muro é particularmente significativa nos dias atuais. Os tempos de globalização prometeram a ligação de diferentes partes do planeta, com a diminuição das distâncias e a facilidade de comunicação; entretanto, diversos muros foram construídos dividindo as pessoas. O muro é o símbolo da divisão; o território, então, tornou-se corpo político.

Como exposto, o muro / instalação remeteu-nos ao território como corpo político. Refletimos paralelamente sob um ângulo diferenciado, o do corpo como território político. Mas o que seria um "corpo" ? Uma vida ? Uma alma habitando a matéria corpórea? Nós, indivíduos, seríamos corpos? Numa visão cartesiana, corpo, alma, razão e emoção se encontrariam dissociados, numa relação assimétrica na qual o corpo estaria submetido à mente, à razão. Já para Nietzsche e Foucault, a razão e a consciência não se apresentariam como a essência do sujeito; seríamos também um somatório de afetos, sensações, emoções (WARBURTON, 2012). Consideramos que a arte nos permite ir além dos corpos físicos.

Norbert Elias (1998) acrescenta a esse contexto um universo de simbolismos criado pela humanidade e depois incorporados como se fossem naturais. Destacamos entre tais simbolismos a questão do tempo, percebido e marcado de formas diferentes de acordo com processos subjetivos e culturais (como as diversas formas de marcar o tempo dos calendários judaico, chinês, gregoriano, juliano, islâmico, entre outros). As medidas do tempo não são universais mas parecem naturais. Trata-se de um fluxo de processos descontínuos, sintetizado em sistemas de mensuração para orientar a humanidade quanto aos melhores momentos para a colheita, para os rituais, para o plantio, entre outros. Entretanto, a noção de tempo foi direcionada para outros propósitos, como o de condicionar e oprimir.

Um exemplo do tempo inserido num sistema opressor pode ser verificado em um dos trabalhos realizado por discentes e exposto sobre a instalação na mostra "Balbúrdias Poéticas". Inspirado na obra "Hora da Morte" (1903), de Alfred Kubin, a pintura exhibe os rostos dos autores, Murilo Muras, Fabrícia Oliveira e Emily Caroline, isolados numa espécie de relógio, no qual o ponteiro tem a forma de uma espada pronta para decepar cabeças (como uma guilhotina impiedosa). Em uma outra leitura, as cabeças expostas sem corpos já teriam sido cortadas. Desenvolvido predominantemente em tons de cinza, a partir de formas básicas, sem ornamentos adicionais, o trabalho assume um ar grave, pesado. Dois dos rostos pintados exibem olhares ansiosos, espantados, impactantes, na direção do observador, o que adiciona tensão aos tons neutros. Assim o fruidor é descoberto. O terceiro personagem, contudo, desvia o olhar aparentemente desolado, distante e resignado, talvez impotente diante de um processo que pode parecer inevitável (Fig. 4).



Figura 4. Murilo Muras, Fabrícia Oliveira e Emily Caroline. Sem título.2020. Pintura acrílica. Foto: Murilo Muras. Arquivo do artista.

Um dos autores, Murilo Muras, comentou que a proposição nasceu da pressão sofrida pelos discentes, diante de um sistema acadêmico opressor. Tal observação remete-nos ao pensamento de Foucault, que comenta: “(...) é definida a posição do corpo, dos membros, das articulações (...) O tempo penetra o corpo, e com ele todos os controles minuciosos do poder” (2014, p.121). Foucault enfatiza ainda que uma das maneiras de manter o poder sobre os discursos é por meio de instituições que excluem os discursos indesejados, ação que pode ser ampliada na escolha de livros e métodos pedagógicos que visam a dominação. Dessa forma, a educação torna-se paradoxal: possibilita o acesso e também controla os discursos.

Ainda no âmbito do corpo como território político, um dos trabalhos da mostra, realizado pelos discentes Ana Raquel Oliveira, Gleicielly Sobral e Nayo Melo, exibiu um corpo masculino vestindo os trajes típicos de um príncipe saído dos tradicionais contos de fadas. As cores em tons suaves e as técnicas pictóricas utilizadas fortaleciam as imagens guardadas na memória das tradicionais ilustrações de livros infantis. Entretanto, diferentemente dos contos tradicionais, na obra as princesas pareciam salvar e resgatar o príncipe de alguma situação de

perigo. Não era possível identificar o contexto em que a ação estaria inserida, pois apresentava-se apenas o gesto simbólico de auxílio, ficando para o observador a construção imaginária do entorno.

Tal composição não deveria surpreender quem passava pelo local; entretanto, uma professora do ensino fundamental se aproximou da obra para fotografá-la, argumentando que a imagem seria objeto de análise em sala de aula. Ela comentou que a sua curiosidade surgiu ao observar que as personagens não eram meros instrumentos de manutenção da sociedade normativa, mas apontariam para uma visão emancipatória das relações de gênero. Concluímos que a professora valorizava a escola como um espaço de questionamento e não como uma instituição criada para a reprodução de desigualdades. Assim como a professora, uma mãe veio fotografar o trabalho, acreditando que este despertaria uma discussão relevante entre as suas duas filhas. Destacou que a imagem sugeria o convívio de homens e mulheres em cooperação e igualdade, de forma integrada.

Sabemos que os contos de fadas, por estarem presentes na formação das crianças, são instrumentos importantes para dar significado ao mundo. E, na literatura infantil tradicional, representações de gênero exibem perfis previamente delineados e "engessados" que reforçam o machismo da sociedade. Mais tarde, as noções de masculino e feminino são naturalizadas e observa-se a repetição de gestos, signos e atos ao longo da vida dos indivíduos de acordo com tais padrões. Por outro lado, imagens rompendo simbolicamente aos papéis estabelecidos podem ser importantes para o despertar de reflexões visando a desconstrução dos valores e padrões impostos, inclusive aqueles relacionados aos papéis sociais de homens e mulheres: "experimenta (-se) uma nova realidade e, principalmente, uma nova leitura da escritura da realidade - uma leitura descontínua, partindo das próprias imagens e não do sentido que lhes é imposto por um sujeito fundador ou autoral" (RAULET, 1994, p.51).

Dois trabalhos expostos destacaram o problema da violência contra as mulheres, que atingiu índices absurdos no Brasil. Um grupo de alunas desenvolveu uma obra buscando a valorização de corpos afro/brasileiros, por tanto tempo excluídos das instituições acadêmicas. Um outro trabalho ressaltava a relação corpo/flora, tema significativo em tempos de extermínio dos indígenas, altos índices de desmatamento e envenenamento por agrotóxicos. Alguns discentes escolheram como tema o corpo invisível dos sem-teto, pintado na solidão de um beco.

Não seria possível analisar detalhadamente, aqui, as imagens de todos os trabalhos expostos. Procuramos, entretanto, apresentar brevemente o desenvolvimento de um projeto que foi ampliado, resultando em uma exposição montada numa galeria da mesma universidade.

A Exposição Outros Eus

As mostras anteriores foram fundamentais para a realização da exposição "Outros Eus", que foi construída num local de grande circulação de estudantes, a galeria Jordão de Oliveira, localizada no *hall* da biblioteca central do campus da UFS, em frente ao restaurante universitário.

É significativo destacar a localização da exposição devido a um triste episódio ocorrido nesse mesmo restaurante, há alguns anos. Danielle Bispo dos Santos, mulher negra, trabalhadora terceirizada, foi brutalmente assassinada pelo seu ex-companheiro durante o horário de trabalho. Danielle morreu por ser mulher, por ser considerada objeto de posse de um homem.

Para a exposição, a escolha de questões relacionadas ao gênero como tema da exposição se justifica ao constatarmos, nos últimos anos, um aumento considerável de crimes dessa natureza no Brasil. Houve uma homenagem especial a Danielle e a tantas outras vítimas de crimes relacionados a questões de gênero. Acreditamos na arte como agente poderoso na luta contra qualquer preconceito.

A exposição foi dividida em duas partes, marcadas pela construção de uma instalação a partir da ideia de um muro suspenso, cortando o espaço. A instalação que ocupa a parte central da exposição, composta por fios de novelos, unidos por nós, remete-nos ao mito de Penélope. O seu trabalho contínuo de tecer e desfilar, dia e noite, sem completar a tarefa, numa tentativa de parar o tempo, aponta para uma consciência da construção do seu próprio destino, resistindo a vontades alheias, para além dos aspectos relacionados com a fidelidade ao marido distante. Trata-se de uma fidelidade a si mesma, à manutenção da sua autonomia, antevendo uma trajetória de libertação feminina, que esteve sempre muito ligada ao trabalho têxtil e que é evidenciada durante a Revolução Industrial.

Assim, consideramos para a escolha de materiais os mecanismos de coersão social sobre os corpos de mulheres que foram coagidos, oprimidos e vítimas do controle moral e religioso, numa forma de violência estrutural. Para Foucault (2014) o discurso é uma forma de poder, de controle, sendo autorizado para alguns e interdito para outros, os excluídos como, historicamente, o grupo das mulheres. Nada mais significativo, portanto, do que os materiais têxteis na estrutura da instalação (Fig.5).

Simbolicamente, o muro pode colocar em questão a desconstrução de uma sociedade binária, que tradicionalmente coloca homem e mulher em lados opostos. Nesse aspecto, vale destacar o teor geralmente negativo associado à expressão "ficar em cima do muro", que sugere a necessidade de definição de posturas, identidades e posicionamentos rígidos. Entretanto, destacamos no início do texto a tendência ao fluxo da "modernidade líquida" defendida por Zygmunt Bauman (2001), tornando claras as múltiplas possibilidades de ser no mundo contemporâneo. E, diante da impermanência da arte na contemporaneidade,

observa-se a figura da precariedade da vida a partir do outro que nos olha e nos demanda responsabilidade.



Figura 5. Rosane Bezerra e Sérgio Freitas. Outros Eus. 2020. Roupas e materiais têxteis. Instalação de Arte têxtil. Foto: Sergio Freitas. Arquivo do artista.

O muro pode despertar recordações de sociedades fragmentadas, em que grupos sociais foram mantidos cercados, podendo então ser entendido como símbolo da ausência de diálogo político por ambas as partes. O Muro de Berlim era considerado o “Muro da Vergonha” pelos países ocidentais capitalistas. Entretanto, esses mesmos países ergueram seus muros. Um dos mais polêmicos é o Muro de Israel, situado no entorno dos territórios dos povos palestinos, que perderam parte de suas terras após a criação do Estado de Israel, em 1947. Outra edificação famosa é o Muro do México, que vem sendo construído desde 1994 pelos Estados Unidos, tornando-se para muitos um símbolo da ordem geopolítica atual, caracterizada pela divisão do mundo entre os países do norte desenvolvido e do sul subdesenvolvido. Além dessas barreiras, há muitos outros muros pelo mundo, como os Muros de Ceuta e Melilla no Marrocos; o edificado pelo Egito na região de fronteira com a Faixa de Gaza; o muro entre Índia e Paquistão na Caxemira; o que

divide o Kwait do Iraque, entre outros. Em resumo, o muro pode ser visto como a impossibilidade de coexistência com o outro.

O muro causa horror; entretanto, nesse contexto, o muro é levado à abstração máxima em que a sua função primeira, a de ser barreira, é questionada: a ideia que se tem desse elemento é dependente da relação tida com ele. Permanecem questões, como: de que forma os nós poderiam gerar união, sustentação e não amarras? Sugerimos que as pessoas participassem ativamente da construção do trabalho, acrescentando fios e nós. A obra central seria portanto aberta, transformando-se a cada dia.

Considerações Finais

Se considerarmos a contribuição das instituições acadêmicas como espaços de debate, produção e participação (e não para a reprodução de desigualdades), então poderemos concluir que as exposições apresentadas foram significativas na (de)formação dos professores de artes visuais.

A mudança de rota dos que transitavam pelo hall da reitoria, devido a presença da instalação construída no caminho habitual, como uma "pedra no caminho", estabeleceu o início da ruptura de ciclos de ações repetidas automaticamente. Como no poema "No Meio do Caminho" de Carlos Drummond de Andrade, procuramos lembrar o fato de que o caminho, o dia, a vida, possui obstáculos inesperados que nos levarão a parar, a recalculer a rota, a buscar outros trajetos, a romper com ações automáticas. E a arte poderá ser esse fator de estranhamento que causará rupturas. A exclusão de elementos dos locais habituais e a realocação em novos contextos poderá contribuir para esse mesmo fenômeno, provocando a ampliação dos processos de significação.

Quanto ao destaque do corpo como território do político, consideramos relevante refletir sobre corpos insubordinados, dínamos como campos de batalha para *artivismos* em um país onde corpos indígenas, pretos periféricos, LGBTQI+ e mulheres são exterminados.

A participação coletiva na construção da instalação/muro acrescentando fios e nós, rompe com a ideia do muro que separa, sugerindo que a maior barreira pode ser a do muro existente dentro de cada um.

Consideramos então as exposições "Hemografismos", "Balbúrdias Poéticas" e "Outros Eus" como fontes da reflexão central que envolve todos os trabalhos: os múltiplos eus, destacando-se assim o papel político da arte, o seu lugar social e a sua função no espaço público.

Referências

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade Líquida*. São Paulo: Zahar, 2001.

BENJAMIN, Walter. *Passagens*. Belo Horizonte, Editora da UFMG; São Paulo: Imprensa oficial do Estado de São Paulo, 2006.

ELIAS, Norbert. *Sobre o tempo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Rio de Janeiro: Vozes, 2014.

PENA, Rodolfo F. Alves. *Os muros que dividem o mundo*; Brasil Escola. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/geografia/os-muros-que-dividem-mundo.htm>. Acesso em 19 de dezembro de 2021.

Poema No Meio do Caminho de Carlos Drummond de Andrade (análise e significado). Cultura Genial. Disponível em: <<https://www.culturagenial.com/poema-no-meio-do-caminho-de-carlos-drummond-de-andrade/>>. Acesso em: 4 ago. 2022.

RAULET, Gilles. *Le Caractère Destructeur – Esthétique, Théologie et Politique chez Walter Benjamin*. Paris: Du Cerf, 1994.

WARBURTON, Nigel. *Uma breve história da filosofia*. Porto Alegre: L&PM, 2012.

Como citar:

BEZERRA SOARES, Rosane. Reflexões sobre a exposição "outros eus". *Anais do 41º Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte: Arte em Tempos Sombrios*, Evento virtual, CBHA, n. 41, p. 719-730, 2022 (2021). ISSN: 2236-0719.

DOI: <https://doi.org/10.54575/cbha.41.057>

Disponível em: <http://www.cbha.art.br/publicacoes.htm>